

---

# Extrapolando Oswald de Andrade

---

Para Mateus Pereira e Andréa Werkema, cordialmente.

Só o homem arrisca a sua identidade.  
Maria Gabriela Llansol

Em março de 1954, Oswald de Andrade – escritor iconoclasta, bem conhecido desde sua ativa participação na Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo – encontrava-se internado e com a saúde bastante debilitada. Pois foi nesse momento em que, convalescente, escreveu uma comunicação para ser lida no “Encontro dos Intelectuais”, marcado para o Rio de Janeiro. Mais que uma comunicação, tratava-se, na verdade, de um apelo. Duplo apelo, pode-se dizer: de um lado, para que toda uma tradição intelectual sobre a “importância autônoma do primitivo”, inaugurada com o ensaio de Montaigne sobre “Os canibais”, fosse continuamente repensada; de outro, para que sua própria contribuição ao debate, explicitada desde o “Manifesto Antropófago” (de 1928), não fosse esquecida. É difícil não perceber certo sentimento de urgência nessa comunicação, num momento em que a saúde lhe faltava e sua obra era, então, muito pouco lida.

Esse pequeno texto, de apenas duas folhas datilografadas, caminha aos sobressaltos, nem tanto pelo andamento antilinear que caracterizava muitos de seus ensaios e conferências, mas, talvez, pelo fôlego que começava a faltar ao seu autor. Isso ele confessa em suas últimas linhas: “devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América” (Andrade, 2011, p.373). O texto sequer foi nomeado. O título que atualmente o identifica na 2ª edição de *Estética e política*, um dos volumes de suas “obras completas”, é “A reabilitação do primitivo”, atribuído pela organizadora do volume (Maria Eugênia Boaventura) a partir da sua primeira linha: “a reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. Essa época passou e a um conceito cristão da vida que reservava para o branco o privilégio de ter alma se opôs a idéia da igualdade da raça humana. Foi, no entanto, preciso que um papa outorgasse essa dádiva do céu aos homens de raça e cor diferentes que apareceram com o novo mundo descoberto. [...] Ficou, no entanto, um resíduo que consiste no preconceito

de julgar inferiores as raças primitivas. Ora, ao nosso indígena não falta sequer uma alta concepção da vida para se opor às filosofias vigentes que o encontraram e o procuraram submeter” (2011, p. 372).

Se Oswald de Andrade, nessas linhas, enuncia seus propósitos, a sequência do texto se encarrega de retomar a ideia à qual dedicara boa parte de sua vida – a ideia antropofágica, seu modo específico de reabilitar a concepção primitiva da vida: “O indígena não come carne humana nem por fome nem por gula. Tratava-se de uma espécie de comunhão do valor que tinha em si a importância de toda uma posição filosófica. A antropofagia fazia lembrar que a vida é devoração opondo-se a todas as ilusões salvacionistas” (2011, p.373). De resto, a palavra “todas”, na obra oswaldiana, aponta para duas sortes de ilusão: de um lado, aquelas voltadas à salvação do primitivo – as catequeses jesuíticas ou as novas catequeses modernizadoras, ambas dedicadas a transformar o índio (ou o bárbaro ou o atrasado) em civilizado (ou cidadão ou moderno); de outro lado, aquelas ilusões dirigidas à salvação do próprio civilizado – a exemplo de visões idílicas e reconfortantes que pensam a vida indígena como alternativa às angústias de um individualismo possessivo, urbano e industrial. A perspectiva antropofágica não se pergunta pelo melhor caminho a ser trilhado entre duas identidades fechadas, não quer ser o recipiente para uma mistura ideal entre raças ou culturas e se afasta radicalmente de qualquer pedagogia da prosperidade. Se a filosofia da devoração filosofia é, ela o seria por pensar porque motivo a alteridade não poderia ser anterior à identidade, a relação superior aos termos, a transformação interior à forma. E sem exotismo.

Ou com um “exotismo estratégico”, como sugere o antropólogo Viveiros de Castro, parafraseado, por minha conta e risco, nas três últimas frases do parágrafo acima (Castro, 2011, p.06). E não o faço por acaso. Pois o “exotismo estratégico” – o do próprio Viveiros de Castro, não o de Oswald de Andrade – não apenas escutou aquele apelo sobre a “importância autônoma do primitivo”, como tem buscado reconectar a antropofagia oswaldiana à antropologia amazônica, reconexão estratégica para um desafio teórico que vale a pena conhecer: o desafio de uma filosofia da alteridade cultural radical. Tal filosofia, na trajetória de Viveiros de Castro, tem um ponto de partida específico: sua tese de doutorado sobre os índios Araweté (povo da Amazônia Oriental), defendida no Museu Nacional do Rio de Janeiro e publicada em 1986, embora ensaios escritos a partir dos anos 90 – alguns dos quais republicados no livro *A inconstância da alma selvagem* – indiquem uma virada mais especulativa em suas pesquisas. Em meio a essa virada, ao que parece, é que se deu seu encontro com Oswald de Andrade, ainda que o velho escritor modernista fosse retomado em novos termos. Se ao indígena, na versão oswaldiana, não faltava uma forma própria

de pensamento, para Viveiros de Castro essa forma ganha um nome específico: o de “pensamento ameríndio”, a pedra de toque de um mundo “metafisicamente antropofágico”, com o qual não se quer mais saber o que seria a identidade nacional. A virada especulativa de Viveiros de Castro virava as costas, pois, aos que se perguntam sobre o que seria o “próprio” do Brasil, esse “próprio” que, no mais das vezes, aprisiona a imaginação de outros possíveis às catequeses do fato consumado – as raízes do Brasil – ou às do fato a consumir – o “Brasil grande e de futuro” de antigos e novos desenvolvimentismos.

Aliás, Viveiros de Castro não quer mais saber nem mesmo “o que é próprio do humano: se a linguagem, o simbólico, a neotenia, o trabalho, o *Dasein*... Queremos saber o que é próximo do humano, o que é próprio do vivente em geral, o que é próprio do existente. O que é, enfim, o *comum*. Aqui também há muito que aprender com a ‘filosofia deles’ – com as metafísicas indígenas, que afirmam a humanidade como condição original comum da humanidade e da animalidade, antes que o contrário, como em nossa vulgata evolucionista, e que, ao princípio solipsista e dualista do ‘penso, logo existo’, contrapõem o pampsiquismo perspectivista do ‘existe, logo pensa’, que instaura o pensamento imediatamente no elemento da alteridade e da relação, fazendo-o depender da qualidade sensível do outro” (2011, p.16). E onde entraria Oswald de Andrade nisso tudo? Tudo se passa como se o antropólogo instaurasse um procedimento de leitura e interpretação da obra oswaldiana semelhante àquele que, um dia, instaurou diante da sua principal influência: Lévi-Strauss. Ou seja, talvez ele estivesse fazendo, diante do autor do “Manifesto Antropófago”, o mesmo esforço teórico que fizera perante o autor das *Mitológicas* e de *O pensamento selvagem*: um “esforço de extrapolação”, a partir do qual o próprio “Manifesto antropófago” poderia ser repensado como “estando em continuidade epistêmica com as formas de pensamento ameríndias” (Viveiros de Castro, 2011, p. 05).

Sendo assim, por que não continuar todo esse esforço extrapolando, aqui, a própria extrapolação de Viveiros de Castro? Que se recorde um texto de Oswald de Andrade que, não comentado pelo antropólogo, vai direto ao ponto, qual seja, o de querer instaurar o pensamento na relação, “fazendo-o depender da qualidade sensível do outro”. Esse texto, escrito em 1950 e intitulado “Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial”, parece ser, à primeira vista, um comentário ao conceito de cordialidade, tal como definido no capítulo V de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Cordialidade que, como explicitara Sérgio Buarque em nota para a segunda edição do livro (publicada em 1948), não significava “bondade”, mas cultura do coração (*cordis*). Em outros termos, tal conceito fora central para identificar e analisar, criticamente, espaços de sociabilidade pautados por afetos, por preferências e repugnâncias, enfim, pela intromissão do privado no interior da vida pública. Mas como extrapolar também era próprio do escritor modernista, sairia de mãos vazias quem buscasse no texto de Oswald de Andrade uma leitura corriqueira sobre as raízes da identidade

brasileira, sobre as substâncias da cultura nacional ou sobre as dificuldades de se erigir, no Brasil, uma ordem política impessoal. Pois o homem cordial, na versão oswaldiana, “compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão. De outro lado a devoração traz em si a imanência do perigo. E produz a solidariedade social que se define em alteridade” (Oswald de Andrade, 1995, p.159).

Ao que parece, aquela “reabilitação do selvagem” também implicou isto: minar por dentro a obra de Sérgio Buarque, reabilitar o homem cordial e mostrar que o corpo – ou o *cordis* – e suas qualidades sensíveis não constituem, sem mais, uma substância primitiva a ser educada ou depurada, mas um modo incessante de devoração, vale dizer, de “alter-ação”. De fato, o imaginário filosófico de Oswald de Andrade sempre foi um pouco alterado, vale dizer, do “alter”, “positivo antes que opositivo, possibilista antes que necessitarista”, pode-se dizer, outra vez, com Viveiros de Castro (2011, p.06), embora alterando um pouco o contexto original de sua formulação. Imaginativo – ou alterado –, Oswald de Andrade pensara o homem cordial como um corpo selvagem e incorporante, como se, desse modo, buscasse desenquadrar aquelas velhas catequeses do fato consumado ou do fato a consumir. Mas é possível que eu já esteja alterando um pouco demais as extrapolações dos outros. Ou não.

Henrique Estrada Rodrigues  
Rio de Janeiro, março de 2012.

#### Bibliografia:

ANDRADE, Oswald. A reabilitação do primitivo. In: *Estética e política: obras completas de Oswald de Andrade*. 2ª edição. São Paulo: Globo, 2011.

\_\_\_\_\_. Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial. In: *A utopia antropofágica: obras completas de Oswald de Andrade*. 2ª edição. São Paulo: Globo, 1995.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Transformação na antropologia, transformação da antropologia. In: *Sopro: panfleto político e cultural*. Número 58, setembro de 2011 (<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/transformacoes.html>).

SZTUTMAN, Renato (org.). *Eduardo Viveiros de Castro: encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue Editorial, 2007.



Este é o Caderno de Leituras n. 4.  
Outras publicações estão disponíveis  
no site das Edições Chão da Feira.  
[www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)